

POST-CYBERFEMINISM?

NAT MULLER MEETS UP SADIE PLANT

Dee¹

Traduzido por Damares Bastos Pinheiro²

Resumo:

Tradução de uma entrevista, de Sadie Plant³, fundadora da CCRU ao lado de Nick Land, à curadora e crítica, Nat Muller⁴, e realizado por Dee, editor-chefe da revista online *Fringecore*, em 1º de agosto de 1998. A entrevista trata de assuntos como a criação e interesses da CCRU, feminismo cibernetico, imperialismo, tecnologia e cultura, inteligência artificial e o *Manifesto Puta Mutante*, do coletivo ciberfeminista VNS Matrix.

Palavras-chave: Tradução. Entrevista. Sadie Plant. Fringecore. CCRU.

¹ Dee – encontrei apenas seu sobrenome em pesquisas – era editor-chefe da revista online *Fringecore*, que não existe mais. A entrevista, intitulada *Nat Muller meets up Sadie Plant*, consta no número 6, *Chaos Cooking*, publicada em 1º de agosto de 1998. Sobre a revista, algumas informações são acessíveis neste link: <https://jahsonic.com/Fringecore.html>. Para seguir o original, mantive o itálico das falas de Muller, diferente das falas de Plant (sem itálico) e as falas em negrito que, talvez, sejam de Dee, motivo pelo qual optei por manter certa indistinção.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Departamento de Filosofia, da Universidade de Brasília.

³ Mais informações sobre Plant, ver seu site: <https://www.sadieplant.com/>

⁴ Curadora independente e crítica, especializada em arte contemporânea e mídia no Oriente Médio. Nos anos 1990, período desta entrevista, estudou Literatura Inglesa focada em literatura feminista e teoria queer, se interessando por ciberfeminismo, como ela mesma afirma, ver: <https://artpulsemagazine.com/interview-with-nat-muller>

Abstract:

Translation of an interview with Sadie Plant, cofounder of the CCRU with Nick Land, to the curator and critic Nat Muller and organized by Dee, editor-in-chief of *Fringecore* online magazine, on August 1, 1998. The interview covers topics such as the creation and interests of CCRU, cybernetic feminism, imperialism, technology and culture, artificial intelligence, and the *Bitch Mutant Manifesto*, by the cyberfeminist collective VNS Matrix.

Key-words: Translation. Interview. Sadie Plant. Fringecore. CCRU.

PÓS-CIBERFEMINISMO?

NAT MULLER ENCONTRA SADIE
PLANT

Sadie Plant lecionou nas Universidades de Birmingham e Warwick. É autora de *Mulher digital: feminismo e novas tecnologias* (1998)^{NT}, *O Gesto mais Radical: Os Situacionistas em uma Era Pós-moderna* (1992)^{NT}, e inúmeros artigos sobre tecnologia e gênero. Sadie foi reconhecida como a ciberfeminista *por excelência*. Eu conheci Sadie no Teatro Kaai, em Bruxelas, onde ela fez uma fala sobre arte e tecnologia.

Nat Muller: Você é a diretora da “Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética”^{NT} da Universidade de Warwick. Que tipo de pesquisa vocês fazem? Se a academia está realmente perdendo sua pegada no processo de transmissão do conhecimento – como você afirma em seu texto “O Complexo Virtual da Cultura”, publicado no livro FutureNatural^{NT} –, então, de que modo sua Unidade de Pesquisa da Pós-Graduação se difere? Na prática, como é possível

^{NT} Utilizei a tradução em português do livro, para isso ver: PLANT, Sadie. *Mulher digital: feminismo e novas tecnologias*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1999. O original é: PLANT, Sadie. *Zero + ones: Digital women and the new tecnoculture*. New York: Doubleday, 1997.

^{NT} Tradução livre, no original PLANT, Sadie. *The Most Radical Gesture: The Situationist International in a Postmodern Age*. London and New York: Routledge, 1992.

^{NT} Tradução livre de *Cybernetic Culture Research Unit*(CCRU).

^{NT} Ver: Bird, Jon et all. *Futurenatural: Nature, Science, Culture*. 1^a Ed. Edited by Jon Bird et all. London and New York: Routledge, 1996, chapter 13. Disponível online: https://api.pageplace.de/preview/DT0400.9781134913053_A24647764/preview-9781134913053_A24647764.pdf

implementar uma abordagem “conexionista/de baixo pra cima” em uma instituição?

Sadie Plant: Uma reviravolta interessante na sua pergunta é que eu deixei a unidade há um ano atrás. Não por motivos negativos, ou pelas dificuldades que sua pergunta implica, que certamente estão presentes. Existe um preço pessoal alto a pagar ao se tentar iniciar esse tipo mudanças institucional, que são necessárias para fazer acontecer qualquer trabalho interdisciplinar realmente rigoroso. Muitas vezes, em universidades, que são tão estruturadas em termos de disciplinas e departamentos e por aí vai, você pode ter vários e vários centros multidisciplinares, mas a noção de uma nova área disciplinar em si é muito difícil de desenvolver. E como você bem pontuou em sua pergunta, é particularmente difícil fazer esse tipo de trabalho em uma instituição. Passei 7 anos curtindo e tentando fazer esse trabalho em uma instituição, que, de certa forma, correu bem até certo ponto. Mas, mais ou menos há um ano, eu decidi que ia me concentrar em minha própria escrita. Mas a “Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética” ainda continua em Warwick, e o ponto fulcral de tudo estava em ser uma forma de organização do tipo “de baixo pra cima”. Esse sempre foi seu ponto forte. Eu espero que os estudantes da Pós-Graduação, que eram por volta de doze na época, continuem a gerir as coisas assim.

Cada estudante trabalhava em seus próprios projetos, e todos tinham algum tipo de interesse em novas tecnologias, não como em termos de peças de maquinaria, mas mais como as inclinações culturais e filosóficas disso. Para dar um exemplo: um estudante estava trabalhando em teoria queer, mas usando modelos vindos de dinâmicas complexas, tentando formular um novo conceito de cultura e em como

explicar a distribuição de um termo como “queer”. Seu trabalho, que segue em andamento, tende mais para um modelo viral, e ele está focando no fenômeno queer pós-AIDS. Não só pegando “vírus” no seu sentido óbvio, mas usando isso como uma oportunidade de investigar o contágio viral em um contexto mais amplo. Então é ESSE tipo de interação entre cultura e tecnologia, ao invés de um padrão de influência de um no outro.

Todos os estudantes, independentemente de suas áreas de trabalho, eram muito materialistas-filosóficos. Podiam estar lendo, principalmente, Deleuze e Guattari, ou Foucault, e outros. Na prática, estávamos buscando novos paradigmas de como repensar a cultura, ao invés do jeito humanista acadêmico tradicional de ver a cultura. Para mim, a tecnologia não pode apenas ser usada para falar sobre cultura humana, mas na verdade sobre QUALQUER tipo de cultura: desde cultura numa placa de Petri em um contexto biológico à uma noção global de cultura. Então esse é o tipo de ideias – não anti-humanistas, certamente - mas mais NÃO-humanistas, que a gente estava engajado.

Agora, praticamente, é claro que no ensino é muito difícil inserir uma abordagem de baixo pra cima, porque toda a noção de ensino e educação é de ponta a ponta de cima pra baixo. Mesmo em contextos como o da Unidade de Pesquisa, a gente é incrivelmente primitivo em como na verdade a gente comunica a informação. Prefiro escrever, eu admito. O que obviamente tem seus problemas, mas com certeza tira o tipo de ideia de que você está num tipo de palco com seu conhecimento, e distribuindo para pessoas numa sala de aula, pessoas sem conhecimento. Acredito que ir além desse palco é uma necessidade urgente, especialmente se você está lidando

com adultos inteligentes. Eu não segui a temática educacional tão seriamente, mas escrevi algumas coisas sobre educação, e acredito que a crise da educação vem desde a educação escolar. Vai ser bem interessante ver o que acontece com as novas gerações de crianças em idade escolar que estão familiarizadas com computadores e a internet, que podem acessar informações sozinhas. Acredito que esse o desafio que todo professor está enfrentando agora é sobre qual é o seu papel. E se há algum, acredito que seja muito mais um papel de mediador. Minha abordagem pessoal de ensino tem sido sempre na ênfase das habilidades básicas e em entusiasmos. Acredito que se você que dar às pessoas os recursos para fazerem seus trabalhos, então o melhor é que seja o de auxiliar a encontrarem com suas próprias capacidades.

Você se alto proclama ciberfeminista. O que isso significa pra você?

Sadie: Eu só usei isso como um termo descritivo, mas, infelizmente, acabei ganhando um rótulo. Queria nunca ter me declarado uma ciberfeminista!! O que você ganha é um brilho publicitário das editoras, o que é em si uma síndrome interessante de se ver no processo de embalagem. Acredito que muitas pessoas devem ter lido o trabalho que é chamado ciberfeminista, mas essas pessoas não são de forma alguma ciberfeministas. Elas estão vendo as dinâmicas complexas e assim por diante, mas não estão entendendo a abordagem ciberfeminista disso. Sabe, meu livro *Mulher Digital* aborda diversos debates feministas, mas não vejo como um livro feminista, e acredito que a maioria de leitores inteligentes também não. Então tem uma discrepância interessante no que

está na capa do livro e toda a publicidade em torno disso, e o que de fato está dentro do livro, o que é uma pena.

Tendo dito isso, tem algo interessante sobre esse termo “ciberfeminista”, é por isso que mencionei isso desde o começo. Não faço a mínima ideia do que significa ser ciberfeminista, mas teve um tempo, há alguns anos, que as pessoas começaram a falar dessa palavra, “ciberfeminismo”. Entre as coisas que me deixaram intrigada desde a primeira vez, era que isso apareceu em diversos lugares diferentes quase ao mesmo tempo, e especialmente na Austrália. Acho que as pessoas estavam vendo de certa forma o limite da velha e grosseira noção tradicional de que a tecnologia é masculina, e toda tentativa de ir além ficou rotulada de “ciberfeminista”. Mas vejo isso como algo muito mais interessante do que parece: um dos usos potentes é – não considerando isso como um tipo de movimento ou qualquer coisa assim – mas como caminhos possíveis de se buscar atrás na história do feminismo e da “liberação feminina” e tentar contar uma estória muito mais materialista e não-linear de como isso aconteceu.

Havia uma tendência de também ver o feminismo como um movimento político que conseguiu fazer algumas mudanças acontecerem, portanto reivindicando a responsabilidade num sentido positivo, ao mesmo tempo havia esse sentimento de que havia falhado em alcançar certas coisas, e culpando a si mesmo. Mas eu acho que o movimento político não é jamais completamente responsável. Isto é, que ISSO não está fazendo as coisas acontecerem, o elemento humano não é o único elemento do problema; tá muito mais ligado com mudanças tecnológicas, econômicas e culturais complexas. O perigo de ir nessa direção é que você pode facilmente cair num tipo de sermão econômico grosseiro, o que

é igualmente um erro grave. Mas eu tenho tentado encontrar um ponto em comum nestas posições. Você basicamente está lidando com questões como “Se qualquer mudança social positiva é simplesmente uma questão de decisões políticas e atuação política, então, provavelmente, o feminismo podia ter acontecido em qualquer momento nos últimos 2500 anos, mas POR QUE AGORA? Por que no século XX?”

Obviamente veio de diversas mudanças materiais inextricáveis. A tecnológica é particularmente interessante, NÃO porque é determinante ou faz as coisas acontecerem, mas porque tem uma relação próxima da infraestrutura de como as coisas funcionam na cultura, e oferece exemplos fortes de diferentes tipos de organização. Entao, por exemplo, a mudança do sistema telefônico para a internet realmente está num paralelo similar das mudanças culturais e sociais. Em certo sentido, eu tentei obter uma noção não-linear da história do feminismo. Eu nunca coloquei nesses termos, mas certamente existe um lado ciberfeminista. Desse ponto de vista, você pode olhar para trás historicamente e ver que a Revolução Industrial foi uma mudança significativa nas relações sociais no front do gênero, e obviamente as Guerras Mundiais também foram um ponto fundamental. ESSE era o tipo de ciberfeminismo que eu estava interessada.

É um termo bastante ambíguo, porque o prefixo “ciber” de certa forma invoca a internet, enquanto que você se refere a todo tipo de tecnologias e seus mais variados impactos. Às vezes me pergunto como esse tipo de feminismo não cai num imperialismo cultural (branco academicista). Há alguma coisa nisso para mulheres que não tem possibilidades econômicas/acadêmicas? A agenda dessas mulheres também

está sendo considerada? E aquelas mulheres em fábricas, soldando chips, por exemplo?

Sadie: Bom, acho que há um ponto interessante nisso. Que é toda essa genealogia histórica de mulheres interagindo com a tecnologia, mas é algo também geográfico. Agora, obviamente essas mulheres em fábricas estão no lugar mais baixo de tudo isso, não tenho dúvidas disso. Mas, por um lado, há um ponto interessante a se pensar, de que eu e você, e todas essas mulheres, estamos todas usando ou fazendo computadores em certa capacidade, ainda que no topo ou na base de tudo isso. Isso por si só é uma ligação interessante, dado que estamos a falar sobre uma cultura dominada pelos homens.

Essa é uma visão otimista que você está trazendo. Se isso é um certo tipo de ligação entre as mulheres, então os homens continuam usando essas tecnologias nas costas dessas mulheres.

Sadie: Com toda a certeza. Exploração é exploração. Mas a diferença está em que essas mulheres das fábricas estão – se bem que, esperançosamente, num ritmo mais rápido – passando pelas mesmas mudanças que as mulheres do Ocidente durante a Revolução Industrial, ou na esteira da II Guerra Mundial. Demoramos cerca de cem anos para passar do feudalismo até termos essa conversa. Acho que em alguns países do Sudoeste Asiático, a transição de estar presa no ambiente doméstico para o de administrar uma fábrica, é relativamente um pequeno passo. Pode demorar uma geração, mas não vai demorar 200 ou 300 anos, como foi pra gente. Não é uma situação boa, mas acho que há uma dinâmica, que não é

algo tão fixo assim. Os papéis que essas mulheres desempenham, mesmo a localização geográfica dessas fábricas, é um fenômeno passageiro; não é algo empacado pra sempre, existe uma dinâmica acontecendo. Esse pode ser o lado positivo. Então, sim, elas estão presas em fábricas de chips, mas não estão presas como estavam no âmbito doméstico. E outra coisa, que é parecida com as mulheres do ocidente, um pouco de independência econômica face a não ter nenhuma, faz muita diferença.

Em uma entrevista para RosieX^{NT}, você afirmou que todo o caos/tecnocultural é uma cultura feminizada, e que a nossa cultura como um todo está se tornando mais feminina. O aspecto social construtivista que habita em mim arqueia a sobrancelha aqui. Resumindo, o que você quis dizer com isso?

Sadie: Bom, de novo. Eu QUERO sair de qualquer posição social construtivista, porque eu não acho que tem a ver com um simples construtivismo social. Quero dizer, se tivesse, então, por que não simplesmente mudamos isso?! Então, a gente sabe que isso está errado. Da mesma forma, sabemos que o determinismo biológico grosseiro também é errado, porque podemos mudar as coisas. Então, temos que encontrar um caminho intermediário entre essas duas coisas, onde as coisas são socialmente construídas, mas também onde tendem a agregar e acumular certos tipos de características tanto social quanto geneticamente/biologicamente. Então, com o passar dos séculos, você acaba com um conjunto de características que

^{NT} RosieX é o nome da ciberfeminista de Rosie Cross, editora australiana que fundou a revista online Geekgirl, em 1993, bastante popular. Para isso, ver: <https://www.stemwomen.org.au/profile/rosie-cross>

TENDE a ser chamado de fêmea/macho ou feminino/masculino, mas que sem sombra de dúvidas não são fixos. Eu acho que no período que pensávamos a biologia apenas como uma “coisa” que estava aí, e completamente fora de cena, então era algo sem sentido. Mas agora, que nossas ideias sobre a biologia estão rapidamente sendo revisadas e percebemos que um determinado tipo de população – ainda que tenha sido assim por séculos – não é necessariamente fixo, e que ao longo das mudanças culturais e sociais, também ocorreram mudanças físicas e corporais. Somado a isso, existe um conhecimento muito mais forte agora sobre a interação humana com o seu ambiente, em todo tipo de contexto. Então, o corpo humano, ou para esta questão, “ser mulher” não é mais uma coisa biologicamente fixa. Isso vem da noção de cultura em diversos níveis: no seu corpo, na cidade, e isso tudo tende a mudar. Eu acredito que estamos testemunhando um período onde essas mudanças ESTÃO atualmente acontecendo.

Mas por que uma mudança na direção do “feminino”?

Sadie: Bom, certo ou errado (nós aqui gostaríamos muito de dizer errado), há alguns jeitos de se fazer as coisas ou atributos, ou qualidades, que foram consideradas “femininas” ou “masculinas” no passado, independente se concordamos ou não. Pra mim, parece que as demandas da cultura contemporânea, como adaptabilidade, multitarefas, flexibilidade e por aí vai, são qualidades que sem um motivo – claro que com o pior dos motivos – as mulheres tiveram que praticar para simplesmente sobreviver. Pra começar, é uma observação interessante que uma cultura tão inclinada à padronização, centralização, hierarquias, etc. – o computador

quase sendo a epítome de tudo isso – se desenvolveu em uma cultura que parece demandar quase o oposto de tudo isso. De repente, as habilidades que foram tão promovidas no passado – que eram uma forma muito lógica e direta de se pensar, i. e., o clássico modo de pensar masculino – começou a se tornar quase disfuncional. Basta você olhar para um emprego ou padrões demográficos pra perceber que houve uma mudança radical na direção de trabalhos tipicamente de mulher e dos trabalhos tipicamente de homem, claro, com todos os problemas de baixa remuneração, trabalho de meio-período, etc. etc. Ainda assim, é uma mudança social enorme. Pra mim, parece que isso está diretamente ligado, porque essas novas tecnologias demandam novas formas de trabalho, e acontece que a parcela social que mais está preparada para isso são as mulheres. Se não isso, então, há uma ironia interessante nessa história: a tentativa de promover as formas especializadas cima-baixo de se fazerem as coisas virou o jogo e produziu exatamente o contrário.

Tenho um real interesse em relacionar o que você acabou de falar com Inteligência Artificial ou Vida Artificial. Esse movimento para longe de sistemas de expertise, que depende de conhecimento proposicional/cima-baixo, para sistemas com uma abordagem mais baixo-cima, atualmente criou um espaço onde você pode inserir todo tipo de epistemologias diferentes, como habilidades-conhecimento, conhecimento corporal e epistemologias feministas. Você sabe, o tipo de conhecimento que foi sempre desvalorizado.

Sadie: Sim, a “intuição” é um bom exemplo disso. A intuição está quase se tornando um termo técnico para os novos sistemas de distribuição da Inteligência Artificial, onde

você pode atualmente observar as conexões sendo feitas em um sistema conexionista. O único jeito de falar disso é como flashes de intuição. E é incrível como o tipo de conhecimento mais desacreditado, a intuição – porque é associado ao feminino – está quase ultrapassando a lógica rigorosa. Se você quer realmente que uma máquina pense, você tem que permitir que seja intuitiva. O que é mais interessante sobre isso tudo, é que não foi o feminismo que surgiu e destruiu tudo, o próprio sistema que se destruiu. Essa é a beleza de tudo isso. Eu acho que é possível fazer observações históricas paralelas muito parecidas sobre a imagem clássica da organização social patriarcal, que na tentativa de se efetivar acabou se arruinando. Quanto mais você MIRA esse tipo de controle centralizado, mais você o põe em perigo de virar seu oposto. E vivemos em um tempo onde estas tendências são igualmente proeminentes: de um lado se tem a tendência a centralização da Microsoft e do outro, se tem a crescente – quase anárquica – tecno-atividade de base de nível de rua. Cada um está alimentando o outro, sério. Acho que a coisa mais valiosa que se pode fazer, é minar todo o paradigma de uma abordagem cima-baixo.

Eu gostaria de um comentário seu sobre essa citação do “Manifesto Puta Mutante”^{NT}, da VNS Matrix^{NT} (veja

^{NT} Tradução livre, pois não encontrei em português, é originalmente intitulado *Bitch Mutant Manifesto*, de 1996, e pode ser lido/assistido aqui: <https://vnsmatrix.net/projects/bitch-mutant-manifesto>

^{NT} VNS Matrix é um coletivo feminista e artístico, foi fundado na Austrália, em 1991, por Josephine Starrs, Julianne Pierce, Francesca da Rimini e Virginia Barratt. Tanto o coletivo quanto Plant são conhecidos por cunharem o termo ciberfeminismo, não tendo uma exatidão de quem o fez primeiro. O coletivo lançou o *Manifesto Ciberfeminista para o Século 21*, em homenagem à teórica Donna Haraway, e o *Manifesto Puta-Mutante*, em referência nesta entrevista. Os manifestos e informações sobre o coletivo VNS podem ser acessadas no site próprio: <https://vnsmatrix.net/projects/the-cyberfeminist-manifesto-for-the-21st-century>. Uma entrevista do coletivo contando sua história e sobre o termo ciberfeminismo,

o número 3, da Fringecore): “A internet é a filha selvagem puta-mutante partenogenética do papai mainframe^{NT}. Ela está fora de controle, Kevin, ela é o sistema sociopata aflorado^{NT}. Prendam suas filhas, coloque fita adesiva na boca da vagabunda e enfie um rato no cu dela”^{NT}.

Sadie: Poxa!! O que eu posso dizer sobre isso?! OK, quando eu vi pela primeira vez o trabalho da VNS Matrix, eu estava tão impressionada porque parecia bem distante de um tipo de “feminismo vitimista”, se você me entende. Naquele tempo, essa atitude era tão revigorante! Sabe, aquela sensação de uma insidiosa, aflorada e incontrolável tendência, que, sem sombra de dúvidas, é uma ficção do imaginário coletivo da VNS Matrix, é um medo cultural amplamente sentido. Eu acho que a VNS Matrix tem um jeito de articular isso e de se tornar um tipo de farol para várias mulheres que não podem seguir porque ficaram associadas ao “papel de vítima”. A beleza da VNS Matrix é que você pode obviamente ler suas reivindicações como declarações metafóricas, mas não como fantasia artística. Digo, a qualidade parteno-genética disso como uma organização aflorada, toda a mutação e tendência feral, se isso fosse somente uma declaração metafórica, então, ainda assim é poderoso, mas o mais impressionante sobre isso, é que está falando também sobre o desenvolvimento atual. Então, por todas estas razões, eu sou fã.

aqui: <https://www.vice.com/en/article/an-oral-history-of-the-first-cyberfeminists-vns-matrix/>

^{NT} Mantive o original dada a linguagem computacional.

^{NT} No original *emergent*, optei pelo palavra *aflorar* que carregar a noção de algo vir à tona, também por trazer certa noção de algo feral e apaixonado.

^{NT} Tradução livre, pois não encontrei tradução em português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DEE. *Post-cyberfeminism? Nat Muller meets up Sadie Plant*. In *Fringecore*, nº 6, 1999.

BARRAGÁN, Paco. *Interview with Nat Muller*. **Artpulse Magazine** [online]. Disponível em: <https://artpulsemagazine.com/interview-with-nat-muller>

BIRD, Jon et all. **Futurenatural: Nature, Science, Culture**. 1ª Ed. Edited by Jon Bird et all. London and New York: Routledge, 1996, chapter 13. Disponível em: <https://api.pageplace.de/preview/DT0400.9781134913053.A24647764/preview-9781134913053.A24647764.pdf>

EVANS, Claire L. *An Oral History of the First Cyberfeminists*. **Vice Magazine** [online], 11 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/an-oral-history-of-the-first-cyberfeminists-vns-matrix/>

GEERINCK, Jan-Willem. *Fringecore. Jahsonic* [online]. Disponível em: <https://jahsonic.com/Fringecore.html>

PLANT, Sadie. **Mulher digital: feminismo e novas tecnologias**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1999.

PLANT, Sadie. **Zero + ones: Digital women and the new tecnoculture**. New York: Doubleday, 1997.

PLANT, Sadie. **The Most Radical Gesture: The Situationist International in a Postmodern Age**. London and New York: Routledge, 1992.

PLANT, Sadie. [online]. Disponível em: <https://www.sadieplant.com/>

STEM WOMEN. *Rosie CROSS (RosieX)*. **Australian Academy of Science** [online]. Disponível online: <https://www.stemwomen.org.au/profile/rosie-cross>

VNS Matriz. *Bitch Mutant Manifesto*. **VNS Matrix** [online], 1996. Disponível em: <https://vnsmatrix.net/projects/bitch-mutant-manifesto>